

Nota introdutória sobre o conceito de práxis em Heleieth Saffioti

Introductory note on the concept of praxis in Heleieth Saffioti

Fabiana Sanches Grecco*

Nos últimos anos reacendeu-se o interesse pela Epistemologia Feminista, caracterizada por afirmar a indissociabilidade entre teoria e política, conformando-se, assim, como um tipo de *práxis*. Do mesmo modo, renovou-se a necessidade dos estudos de gênero refletirem sobre as maneiras como se interconectam diferentes relações sociais, como as de gênero, classe e raça. No diálogo entre esses dois eixos, ganha relevo o trabalho de Heleieth Saffioti acerca da *práxis*, o que justifica revisitar seu artigo “Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade”, publicado originalmente em 1997, no segundo número da revista *Lutas Sociais*¹.

Neste artigo, Saffioti enfrentou o debate sobre a constituição da identidade suscitado pelos estudos de gênero das décadas de 1980 e 1990, usando para isso chaves de leitura marxistas e discutindo como a constituição do sujeito é atravessada pelas três contradições fundamentais do capitalismo: as relações sociais de gênero, classe e de raça. Em síntese, a autora nos ofereceu fundamentos para uma teoria materialista da subjetividade, na qual a *práxis* seria responsável pela construção da identidade, o que significaria compreender que não se separam o individual do coletivo e o psíquico do social. Isto é, que haveria uma unidade entre eles, que não seriam categorias binárias e que se (re)criariam mutuamente.

* Doutora em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, Brasil; com estágio doutoral no grupo Genre, Travail, Mobilités (GTM) do Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris (Cresppa/CNRS). End. eletrônico: fsgrecco@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-2364-7478>

¹ Esta versão de 1997 está disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18789>. Com autorização de *Lutas Sociais*, o artigo foi recentemente republicado no livro *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*, organizado por Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. [Nota do Editor].

Em termos marxistas, para Saffioti, na constituição da identidade a atividade (produção e reprodução da vida em todas as suas dimensões) seria responsável por realizar a objetivação e a subjetivação, ou seja, a integração permanentemente do indivíduo à realidade objetiva com a qual ele interage e a apropriação do resultado da *práxis*, como duas faces do mesmo processo, sem uma dicotomia entre elas. Tratar-se-ia de uma dinâmica contraditória e dialética entre o ser singular e o ser genérico, um somente se realizando por intermédio do outro. Processo esse que poderia ser simplificado pela afirmação de que nem o social e nem o indivíduo seriam constituições determinantes nas relações sociais.

Além disso, no artigo Saffioti discutiu que haveria algum grau de consciência no encontro do ser singular com o ser genérico, o que constituiria o sujeito coletivo. Para ela, o sujeito coletivo não aglutinaria todos os indivíduos de uma categoria em um dado estatístico. A autora se contrapõe também à noção de que os indivíduos agiriam na realidade social como atores, personagens, agentes ou indivíduos com algum “papel social” a ser cumprido. Para ela, a ação de aprender e desempenhar “papéis” como os de gênero, não se daria no mesmo processo, de busca da unidade entre o ser singular e o ser genérico, a que se refere sua maneira de compreender o sujeito coletivo.

Não obstante, sujeito e objeto não seriam dados *a priori*, mas se construiriam nas e pelas relações sociais, sendo a história dos indivíduos, portanto, a história de suas relações sociais. Esses antagonismos fundamentais (gênero, classe e raça) formariam, dessa maneira, um “nó” (uma simbiose), que colocaria em relevo e potencializaria as contradições sociais oriundas desses antagonismos.

Por fim, Heleith Saffioti discutiu possíveis rupturas entre o ser singular e o ser genérico, diante de relações sociais reificadas no processo de objetivação/subjetivação (subjetivação alienada ou “coisificação”), nas quais as relações sociais se dariam como relações entre coisas. Um exemplo seria a violência contra as mulheres, diante da qual elas, como indivíduos que compõem um grupo social, seriam encaradas como objetos pelos agressores. A autora interpretou esse tipo de relação violenta por meio do debate teórico acima mencionado, compreendendo que a reificação seria impensável sem a humanização, o que significa que toda relação social ocorreria, necessariamente, entre sujeitos, não sendo possível a conversão de um indivíduo em objeto (ainda que ele possa ser tratado como tal), em sujeito passivo ou em um não-sujeito. Nesse sentido, as mulheres em situação de violência não seriam passivas na medida em que não se identificariam com a maneira como são vistas por seus agressores. O que não significaria, no entanto, a existência de algum tipo de cumplicidade entre as vítimas e seus agressores.

De um ponto de vista feminista e marxista, a análise de Saffioti não se refere à *práxis* em um sentido genérico do termo, mas ao sentido marxista, para o qual a indissociabilidade entre sujeito e objeto é atravessada por distintas relações sociais e que tem em seu horizonte a transformação radical da sociedade.